

“SOMOS VERDADEIRAMENTE POTIGUARES”: UMA AFIRMAÇÃO DE IDENTIDADE A PARTIR DA LITERATURA

Sadraque Micael Alves de Carvalho

Graduado em História - UERN

Samuel Jordã da Costa Carvalho

Graduando em História - UFRN

RESUMO: Esta comunicação pretende discutir a literatura potiguar enquanto conteúdo específico da disciplina Cultura do RN como fomentadora da identidade potiguar. No livro didático “Introdução à Cultura do Rio Grande do Norte” vemos que a globalização ameaça solapar culturas singulares e que o livro em questão, na qualidade de suporte pedagógico, pretende funcionar como instrumento que garanta a preservação da identidade potiguar. Baseados nos estudos de Hall, Rüsen, Hobsbawm, entre outros, analisamos como se apresenta esta literatura potiguar, e como o seu estudo anseia contribuir para que os alunos se considerem “*verdadeiramente potiguares*”.

Palavras-chave: Globalização - Identidade – Cultura - História

Antes de tudo vale salientar o caráter deste trabalho. Trata-se de uma primeira aproximação do objeto em torno do qual pairam as nossas inquietações: a identidade potiguar. O limiar das problematizações aqui expostas se deu a partir da leitura de um livro didático, intitulado *Introdução à Cultura do Rio Grande do Norte*, suporte pedagógico da disciplina escolar Cultura do RN. Através da leitura deste material elaboramos questões sobre a disciplina escolar e como esta anseia contribuir para a criação, solidificação e proteção de uma identidade potiguar.

Inicialmente, procuramos inserir este trabalho no campo de pesquisa sobre livros didáticos. São muitos, e de várias áreas do saber, os pesquisadores que tomam o livro didático como objeto de estudo. Sendo assim, as conclusões acerca deste objeto variam conforme o enfoque e abordagem do campo de investigação, seja da história, sociologia, pedagogia, lingüística, etc. (BITTENCOURT, 2005. p.71) Dentro deste vasto campo de pesquisa elegemos como ponto de partida o enfoque sobre os conteúdos específicos, no caso a literatura potiguar, e as formas de avaliação da aprendizagem, explicitadas nos exercícios do livro.

Os conteúdos da disciplina Cultura do RN estão organizados em torno de três grandes temas, divididos em capítulos: *a literatura, as artes plásticas e o folclore*. Nossas preocupações incidem especificamente sobre a literatura, escrita por Tarcísio Gurgel.

No tocante a caracterização do livro didático, vale salientar que o compreendemos como nos informa Circe Bittencourt em seu texto clássico, *Livros didáticos entre textos e imagens*. O livro didático é um produto da indústria cultural, uma mercadoria, sofre interferências significativas no seu processo de fabricação e comercialização, envolvendo múltiplos profissionais. Em suma, pelo seu caráter

intrinsecamente mercadológico, obedece às leis do mercado. (BITTENCOURT, 2005. p.71)

A autora ainda o classifica como um depositário dos conteúdos escolares, suporte pedagógico responsável pela transposição didática, sistematizador dos conteúdos específicos, além de funcionar como definidor de padrões didáticos para a transmissão desses conteúdos. O livro didático contém propostas de ensino e de atividades a serem realizadas pelos alunos, funcionando também como veículo portador de um sistema de valores, de uma ideologia e de uma cultura. (BITTENCOURT, 2005. p. 72)

Ao lado dos textos, o livro didático produz uma série de técnicas de aprendizagem: exercícios, questionários, sugestões de trabalho, enfim as tarefas que os alunos devem desempenhar para a apreensão ou, na maior parte das vezes, para retenção dos conteúdos. Assim, os manuais escolares apresentam não apenas os conteúdos das disciplinas, mas ‘como’ esse conteúdo deve ser ensinado. (BITTENCOURT, 2005. p. 72)

Dado o seu caráter geral, tomamos o livro, *Introdução à Cultura do Rio Grande do Norte*, como documento, tendo em vista que enquanto suporte pedagógico a obra é fundamental para a consolidação de conteúdos, metodologias de ensino, valores, ou ainda, como padronizador da disciplina escolar.

Tendo em vista essas considerações, passemos então à análise do material. Na apresentação da obra lemos:

“Não é demais pretender que, ao utilizá-lo em sala de aula ou em atividades extra-classe, tenhamos um aliado para enfrentar os riscos de uma globalização, que não respeitando fronteiras, ignora e, por vezes, destrói culturas regionais.” (GURGEL, 2000 p. 5)

Inicialmente, identificamos que para os autores a globalização é uma ameaça a esta cultura potiguar. De fato, a globalização já foi e ainda é vista como vilã em muitos discursos. Stuart Hall expõe algumas conceituações que partem desta perspectiva.

“a globalização se refere àqueles processos atuantes numa escala global que atravessam fronteiras nacionais integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência mais interconectado. A globalização implica um movimento de distanciamento da idéia sociológica clássica da sociedade como um sistema bem delimitado e sua substituição por uma perspectiva que se concentra na forma como a vida social está ordenada ao longo do tempo e do espaço.” (HALL, 2006 p. 67-68)

Nesta ótica, Stuart Hall elenca dois principais efeitos da globalização, quais sejam, a compressão espaço-tempo, responsável pelo estreitamento das fronteiras, e a perspectiva de caminhararmos em direção a um mundo pós-moderno global, onde as mais distintas tradições e as identidades específicas seriam *traduzidas*. Hall chama esse fenômeno de *homogeneização cultural*. Seguindo esta linha de raciocínio, a

globalização promove o colapso das identidades nacionais, a partir do deslocamento dos indivíduos do seu lugar no mundo social e cultural.

Acreditamos que ao chamar atenção para os riscos da globalização, os autores tenham uma perspectiva semelhante àquelas expostas acima. Como se vê na apresentação do livro didático, os autores pretendem que o mesmo atue como instrumento de combate a globalização, ajudando a delimitar fronteiras mais rígidas, fixas, que impeçam a cultura potiguar de ser destruída. Desta forma, a disciplina escolar Cultura do RN tem por meta assegurar a identidade potiguar.

Como sabemos, a escola é um lugar peculiar, uma vez que como todos os espaços finda por socializar e educar, não obstante seja o único que “*situa e ordena com esta finalidade específica a tudo e a todos quantos nele se encontram*”. (VIÑAO FRAGO, 2001. p. 64). A escola é um espaço promove cotidianamente o jogo das identidades. Segundo VIÑAO FRAGO, é justamente na escola onde crianças, adolescentes e jovens permanecem durante os anos em que estão se formando as suas estruturas mentais básicas. Não é por acaso que o espaço escolar já foi alvo de várias políticas educacionais que almejavam formar cidadãos patriotas. Como exemplo disso temos a disciplina História, que no Brasil, desde sua criação em 1837, aglutinou durante mais de um século funções relacionadas à construção de uma identidade nacional.

Ao nos deparamos com a disciplina Cultura do RN vemos a escola assumir novamente um papel semelhante: através do ensino de uma disciplina específica assistimos novamente a instituição escolar mobilizar parte de sua estrutura para difundir uma identidade.

Como veremos a seguir, o estudo dessa cultura potiguar, sendo a literatura uma de suas manifestações, assume um viés ufanista, enaltecendor, típico das estratégias que tinham como objetivo construir os Estados-Nação no século XIX. Tarcísio Gurgel, através de sua narrativa, exemplifica a grandeza dessa literatura, de modo a nos fazer sentir devedores dos ilustres poetas, cordelistas e romancistas potiguares. O que nos parecem ser as intenções do autor é que ao longo desse estudo não sobre aos leitores outra alternativa a não ser a do reconhecimento de tal grandeza, a vontade de aprofundar-se mais no conhecimento dessas obras, e ao mesmo tempo, que os estudantes adotem uma atitude de zelo e divulgação dessa literatura.

Vejamos então algumas estratégias presentes no argumento do porquê o estudo da literatura contribuiria para a manutenção de uma identidade potiguar.

Ao longo de todo capítulo o autor faz exacerbados louvores às obras e aos escritores da literatura norte-rio-grandense. Adjetivos tais como, *belo, extraordinário, talentoso, fascinante, magnífico*, etc., inundam toda esta unidade. Para legitimar a grandiosidade da literatura produzida no estado, Tarcísio Gurgel utiliza grandes nomes da literatura nacional. Exemplos: ao falar sobre a poetisa Auta de Souza – segundo o autor, a mais amada do Estado - Tarcísio Gurgel diz que a sua obra, chamada Horto, teve “*direito a Prefácio de Olavo Bilac, à época o mais famoso poeta brasileiro*”; sobre Jorge Fernandes,

“em 1925 Câmara Cascudo remete ao líder modernista Mário de Andrade alguns poemas de Jorge. O autor de Paulicéia Desvairada não

consegue conter a sua admiração e faz questão de demonstrá-lo na carta-resposta. Chega a duvidar da existência real de Jorge (...) .” (GURGEL, 2000 p. 21)

A narrativa acaba por transformar esses personagens em grandes homens, em celebridades. Através desta sacralização evidencia-se a intenção de torná-los espelhos do Rio Grande do Norte, exemplos da grandiosidade de nossa cultura.

Percebemos que a idéia de afirmação de uma identidade potiguar se assemelha ao modelo de construção da identidade nacional que figurou durante o século XIX: perspectiva ufanista, narrativa em torno dos grandes nomes que construíram a nação, etc. A cultura potiguar é vista como um bem, um tesouro a ser protegido, que por sua vez exige práticas de valorização e de ritualização que visam o não-esquecimento.

Há também outra questão pertinente. O que caracteriza essa literatura potiguar? O que a torna singular? Para responder a questão o autor trabalha a literatura numa perspectiva histórica. A unidade encontra-se dividida em três tópicos, cada qual inscrito numa temporalidade: 1. *Os começos*, trata das primeiras manifestações literárias da província, estendendo-se até o início da República; 2. *Os tempos modernos*, trata das tendências do movimento modernista entre os escritores potiguares; 3. *A nova literatura potiguar*, fala da produção recente dos escritores e poetas norte-rio-grandenses. Desta forma, atribuímos à narrativa de Tarcísio Gurgel a qualificação de *narrativa histórica*, expressão de uma *consciência histórica*.

De acordo com Rüsen,

“A consciência histórica é o trabalho intelectual realizado pelo homem para tornar suas intenções de agir conforme a experiência do tempo. Esse trabalho é efetuado na forma de interpretações das experiências do tempo. Estas são interpretadas em função do que se tenciona para além das condições e circunstâncias dadas da vida.” (RÜSEN, 2001. p. 59)

Para Rüsen, a consciência histórica é uma forma complexa do conhecimento humano por se tratar de uma perspectiva temporal da ação do homem. O ser humano possui um saber acerca de sua ação no tempo que o permite reconhecer a si mesmo como indivíduo e coletividade através de uma operação, onde as *lembranças* do passado se articulam com o presente numa representação de *continuidade*. Tal esforço de autoafirmação constitui *identidade*, mediante as representações da continuidade, as quais relacionam experiências do tempo com intenções do tempo.

A consciência história pode ser contemplada a partir de um processo genérico e elementar do pensamento humano, qual seja, a *narrativa*, ou mais especificamente a *narrativa histórica*, que de acordo com Rüsen é um meio de constituição da identidade humana.

“Com essa expressão, designa-se o resultado intelectual mediante o qual e no qual a consciência histórica se forma e, por conseguinte, fundamenta decisivamente todo o pensamento histórico e todo o conhecimento histórico científico. (...) Mediante a narrativa histórica são formuladas representações da continuidade da evolução temporal dos homens e de seu mundo, instituidoras de identidade, por meio da

memória, e inseridas, como determinação de sentido, no quadro de orientação da vida prática humana”. (RÜSEN, 2001 p. 61 e 67)

Em suma, o texto elaborado por Tarcísio Gurgel visa interagir com a consciência histórica dos leitores de modo a acrescentar informações e transmitir valores indispensáveis para a constituição da identidade potiguar.

A partir da descrição das obras e dos escritores potiguares é que o autor pretende fazer ver singularidades que seriam partilhadas pelos norte-rio-grandenses. Então, o que torna singular a literatura potiguar? Nas palavras do autor:

“o novo, a ousadia de experimentar, antecipar-se ao que vai acontecer é uma interessante característica da Cultura Norte-rio-grandense (voto feminino, incremento da aviação civil, antecipação da abolição, em Mossoró) [...] é inegável que o fascínio pelo novo se projeta também em nossa produção literária” (GURGEL, 2000 p. 32)

Essa vocação de vanguarda é identificada pelo autor no poema REDE de Jorge Fernandes, de 1927, e na Poesia Concreta de 1966.

Nesse trecho vemos a expressão da consciência histórica do autor. Há uma tentativa deliberada de aproximação, ou ainda, de fazer ver uma relação entre alguns acontecimentos históricos. Para fazer ver a vocação de vanguarda como característica da cultura potiguar, o autor costura numa mesma teia discursiva a inovação poética de Jorge Fernandes e a Poesia Concreta com o voto feminino, a abolição da escravatura e o incremento da aviação civil, na intenção de nos fazer enxergar a unidade entre acontecimentos distintos e distantes no tempo e no espaço.

Mais uma vez gostaríamos de apontar similitudes entre as estratégias que norteiam a construção desta identidade potiguar e aquelas adotadas na constituição da identidade nacional. Identificamos no texto – e a própria disciplina escolar é um exemplo disso - o fenômeno da *invenção de tradições*. A tradição inventada no dizer de Hobsbawm “*significa um conjunto de práticas de natureza ritual ou simbólica, que busca inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, a qual, automaticamente, implica continuidade com um passado histórico adequado*”. (HOBSBAWM, 1997 p. 10). As práticas rituais são indicadas através das *Sugestões de Atividades*. O autor sugere que os alunos façam recitais de poesias e jograis, que convidem os poetas da cidade para que declamem seus poemas na escola, etc.

Resta uma última questão. Vejamos a proposta da disciplina exposta na apresentação do livro:

“Assim, a literatura, as artes plásticas, e o folclore aqui estudados são resultantes da criatividade e da ação coletiva, **dentro de um conjunto de predicados de que é portador o homem potiguar**. (...) Que a partir dele (o livro) possamos valorizar o fato de que, embora humanos – habitantes do planeta Terra – latino-americanos, com a grandeza e dramaticidade que isso implica e mais: brasileiros do Nordeste, **somos verdadeiramente potiguares**. E que possa o estudante sentir-se estimulado a se tornar um ativo agente cultural: seja escrevendo, pintando, seja participando dos ricos folguedos populares de que nossa cultura é tão rica ou até – o que não é menos

importante – atuando como um zeloso divulgador da mesma.”
(GURGEL, 2000 p. 5)¹

A seguir reproduzimos os exercícios propostos pelo autor. Vale salientar que são nos exercícios onde os autores de livros didáticos expõem claramente suas concepções acerca da aprendizagem e dos objetivos da disciplina. Vejamos então o que o autor julga necessário o aluno aprender.

Testando a Leitura

1. Quem organizou, para publicação em livros, os poemas de Lourival Açucena?
2. A poesia de Segundo Wanderley, que tinha como modelo outra, de um grande nome da poesia brasileira, foi muito apreciada no período em que dominava o Estado um importante grupo político. Quem era o poeta? E que grupo político era esse?
3. Podemos dizer que Auta de Souza era uma poetisa cheia de vida e que sua poesia reflete situações de alegria?
4. Henrique Castriciano é considerado o mais culto poeta do Rio Grande do Norte e serviu de modelo a outro grande intelectual. Comente esta afirmativa.
5. Qual o nome do autor do poema “Serenata do Pescador”, que o povo rebatizou como “Praieira?”

Compreendemos que o ato de avaliar é invariavelmente um julgamento de valor, “o qual pressupõe a explicitação das finalidades, dos objetivos e dos critérios de quem avalia a quem será avaliado”. (SHIMIDIT, 2004, p. 147)

Saber responder a tais questões implica ser verdadeiramente potiguar? Seguindo a trilha dos discursos sobre a globalização, que a enxergam como ameaça, Stuart Hall lembra que eles davam a entender que o apego ao local e ao particular dariam vez a identidades mais universalistas. “Entretanto, a globalização não parece estar produzindo nem o triunfo do global nem a persistência, em sua velha forma nacionalista, do local” (HALL, 2006 p. 97)

Em face das discussões aqui expostas chegamos a indagar se esta afirmação de identidade, ao mesmo tempo, de criação e difusão de identidade, não seria uma persistência dessa velha forma nacionalista? Reentrâncias de um *positivismo* datado e há muito emboscado na prática historiográfica? Nós, homens e mulheres do terceiro milênio queremos de fato criar patriotas do lugar, e ainda, utilizando-nos para isto de esquemas tantas vezes denunciados, como os métodos mnemônicos de aprendizagem?

Talvez, mais recomendável do que sermos *verdadeiramente potiguares*, como querem os idealizadores da disciplina Cultura do RN, seja nos colocarmos a par de como são construídas tais identidades; entendermos que as identidades, longe de serem essências, naturais, imutáveis – atributos com os quais invariavelmente se revestem – são construídas, situam-se no tempo e no espaço, e não fora de ambos. Por isso mesmo para nós historiadores elas estão em constante processo de mudança. A construção das identidades está permeada de intencionalidades, sendo que a mais

¹ Grifos nossos.

perigosa talvez seja justamente o aspecto da naturalização, que a inscreve como essência, como algo intrínseco ao homem, atemporal, e por isso mesmo atravança, dificulta e muitas vezes impede o mais simples questionamento. Neste patamar a identidade pode configurar uma verdadeira prisão.

Finalmente, não estamos negando a importância desses autores trabalhados por Tarcísio Gurgel, e muito menos, ainda, a beleza de suas produções. O que questionamos é a maneira pela qual, através delas, Gurgel pretende apresentar e difundir a idéia de uma identidade potiguar. Antes de nos confinarmos acriticamente dentro de fronteiras é válido ter em mente que a disciplina Cultura do RN recai na perspectiva de uma maior ênfase em formar conhecimento do que reconhecer o que se sabe. Afinal, sabemos que os sujeitos possuem várias formas de conhecer o lugar onde vivem e, por conseguinte, de se considerar ligados ao lugar. O conhecimento dessas formas de saber, e da produção dessas formas de saber, torna-se demanda para se problematizar a questão das identidades. Afinal, somos sujeitos históricos e não tábulas rasas.

REFERÊNCIAS

- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Livros didáticos entre textos e imagens*. In: _____ . *O saber histórico na sala de aula*. 10ªed. São Paulo: Contexto, 2005.
- GURGEL, Tarcísio. VITORIANO, Vicente. GURGEL, Deífilo. *Introdução à cultura do Rio Grande do Norte*. João Pessoa: Grafset, 2000.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva. 11ªed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2006.
- HOBSBAWM, Eric. RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. 4ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- RÜSEN, Jörn. *Razão histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica*. Trad.: Estevão de Rezende Martins – Brasília: Editora UnB, 2001.
- SHIMIDIT, Maria Auxiliadora, CAINELE, Marlene. *Ensinar história*. São Paulo: Scipione, 2004.
- VIÑAO FRAGO, Antonio. *Do espaço escolar e da escola como lugar: propostas e questões*. In: VIÑAO FRAGO, A. ESCOLANO, B. *Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa*. 2ªed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.